


# \* ALBUM \*



REDACTORES—Georgino Avellino,  
Joaquim Cavalcanti  
e Cyro Tavares

do Gremio Literario

"FREI MIGUELINHO"

NATAL, 26 DE JULHO DE 1903

ALBUM

LIGEIRAS TRACOS

II

OS NOSSOS CRITICOS E LITERATOS

**S**ERIA preciso que adoptassemos a epigraphie de largos traços para analysarmos minuciosamente e de um modo satisfactorio os criticos e literatos que infestam o meio literario em que vivemos.

Afeitos á escola da verdade, a quem tributamos um nobre e soberano respeito, não podemos ficar calados, ja que nos propomos a fazer semelhante estudo, diante da pleiade de criticos que surgem a cada passo.

Não queremos nestas palavras cortar a carreira de quem quer que seja, nem tão pouco concorrer para o desanimo da mocidade que se esforça pelo conhecimento das letras.

Não falamos daquelles que, por não terem tido os precisos conhecimentos para comprehender a causa nobre porque a mocidade trabalha, procuram cortar-lhe os passos, por meio da difamação e da critica estúpida e inconsciente. Estes já epithetamos de morcegos em artigo anterior.

E' triste que se diga; porem, infelizmente, a verdade nos obriga a proclamar que os nossos criticos podem-se classificar neste numero, salvo um ou outro que se arvora para o elogio, ou antes recompensa de favores pessoases.

As vezes é digno de causar riso o que se passa em nosso meio com relação a literatura. E' que todos são literatos, e, o que é mais interessante, não se conformam com isto: são criticos todos tambem.

Não faltam provas. E raro é ao se chegar em uma esquina não se deparar com uma *troupe* destes; e cada qual que se esforce por meio de seu espirito para collocar no ultimo grão (salvo se quizer *engrossar*) os sonetos do dia, publicados nos jornaes da terra. Isto deixarão de fazer si os auctores lhes são desconhecidos.

São assim os nossos criticos; não são capazes de fazer consciencientemente uma critica sobre qualquer trabalho literario.

Falando sobre os nossos literatos não ha duvida que desagradaamos de um modo bem severo alguns dentre os plumitivos que militam nas fileiras da literatura indigena.

Temos alguns espiritos adiantados, mas não são destes de quem queremos falar, pois falta-nos a divida competencia.

Falamos daquelles que limi-

tam-se a imitar versos de B. Lopes, e de alguns poetas conhecidos, como Olavo Bilac e outros mais.

Não é isto uma calumnia; alquem já declarou o mesmo por um dos jornaes da terra. E são destes mesmos literatos, imitadores de versos, que se forma a maior parte de nossos criticos. E estão tão avezados nesta faina de *inspiração* que não seria para admirar qualquer desses poetas reclamar o seu direito a algumas produções de certos plumitivos do nosso meio.

Manda a verdade que digamos que nem todos têm esta louca mania.

Os que mais querem se elevar por meio de suas pretensões, que marcham com a presumpção de *sabios*, são destes de quem devemos desconfiar. Eis porque todos nesta terra fazem-se *poetas*. Alguns por meio de seu esforço. Outros a custa do esforço de poetas conhecidos. Aquelles sobiesahem-se por suas despretensões; estes, pelo meio acima referido.

Achando que não podemos nos estender larga e minuciosamente á cerca deste estudo, pois assim iriamos offender a certas susceptibilidades a quem não temos intenção alguma de maguar, aqui deixamos cair o ponto final.

EGO.

## CONTRASTE

Para o Marcos Avellar

Triste a minh'alma pelo mundo passa,  
Afogando as angustias num sorriso;  
Fingindo ter o nectar da Graça  
Quando em espinhos eu somente piso.

Vejo-te entanto, flor do Paraizo  
Que os grillhões da Tristeza despedaça,  
Erguer bem alto, envolta com teu riso  
Das Alegrias a doirada Taça...

E Assim o nosso fado é bem diverso:  
—Eu tenho o bando de Illusões disperso  
—Tu tens a Crença que o Ideal percorre...

Mas nunca a Sorte perfida te aponto,  
Que o Sonho d'ouro que te enge a fronte  
Seja esse Sonho que em minha'alma morro !

1903

J. GALVÃO



## O AMOR E O TEMPO

**E**RA sob uma abobada  
floripara onde de quan-  
do em quando via-se uma boni-  
na desabotoar um riso e espar-  
gir no ambiente sua embevecen-  
te fragrança e sobre um solo i-  
gualmente adornado, que eu cam-  
inhava a tudo indiferente na  
aurora de meus annos.

Em meu cerebro só se des-  
prendia o aroma subtil da In-  
nocencia. A felicidade me tra-  
sia embalado em seus eburnes-  
os braços. Tudo era alegria ! E  
eu transitava por aquella estra-  
da juncada de flores quando  
deparei ao longe com uma bor-  
boleta nitidamente rouxa que  
pousava de corola em corola...  
Depois adejando veio a voitar  
em minha direção. Chegou ;  
seu talco fascinou-me, e eil-a que  
se enthronisa no amago de meu

tendia desmqro-  
nar o castello da  
Innocencia que  
até alli dera gua-  
rida aos meus  
sentimentos.

Equantovi scin-  
tilar no firma-  
mento a acronica  
estrella, tentei fu-  
gir. Mas como  
romper os ergas-  
tulos que havia  
tecido o Amor ?

Ainda está nas  
cabalisticas do-  
bras do desconhe-  
cimento, a ma-  
neira evidente de  
consequil o ; e,  
si por meios in-  
capazes de uma  
demonstração al-  
cancei-o, quando  
venci a resisten-  
cia dos arduos  
laços que sobre

peito. Ao que me mím pesavam, estava roubado.  
parecia ella vinha Sim faltava-me um dos mais  
dar incremento á preciosos elementos do Traba-  
quella alegria, si lho que por sua vez contribue  
bem que viesse a para o Progreso, era o Tempo.  
penas entreter a  
chamma do des-  
espero. Era o  
symbolo do amor.  
Julguei-me mais  
feliz, no entanto  
era um aventu-  
reiro ; julguei o  
innocente era um  
assasino ; julguei-  
o probo, éra um  
fasciora. Julgule  
o que occultasse  
o germen da fe-  
licidade, encerra-  
va o syte onde  
havia de naufra-  
gar a não de mi-  
nha vida adoles-  
cente. Em fim e-  
ra elle que pre-

OSWALDO DE CASTRO

## Cel. Manoel Augusto

Tomou passagem a bordo do  
«Alagoas» no dia 14 deste, o  
nosso illustre consocio honora-  
rio Cel Manoel Augusto B. de  
Araujo, com destino a Capital  
Federal, onde pretende entrar  
em tratamento, a fim de restabe-  
lecer-se de incommodos que ora  
lhe alteram a saude.

Que seja feliz no seu justo  
emprehendimento, e que breve-  
mente tenhamos o prazer de  
vê-lo regressar ao seio da so-  
ciedade que o admira.

## Scepticismo

Eu descreio de tudo ; do Presente,  
Do meu Passado—do viver primeiro,  
E assim vago na vida, forasteiro,  
Sobr'este mar de dor—assas flemente !

Quando o soffrer... quando o soffrer dolento  
Rouba-me d'alma o sonho derradeiro,  
Eu descreio de tudo, e forasteiro  
Vago na vida a tudo indifferente !

E assim, vou pois, cumprindo o meu fadario ;  
Meu eorção, qual tímida creança  
Vai fugindo do mundo solitario !

E' que meu ser, immerso nas Paixões ;  
Em vão procura à patria da Esperança ;  
Embalde busca o céu das Illusões ; !

Assu, 1903.

NATHANAEL DE MACEDO





## Prospecto

O ALBUM publicar-se-ha duas vezes por mez e assignar-se-ha a 1:000 por trimestre pagos adiantadamente. Aceita qualquer collaboração litteraria, caso esteja em condições de ser publicada.

Toda correspondencia deverá ser endereçada para o escriptorio (provisorio) da redacção, á rua da Conceição, casa n. 20.

## CARTA SEM SELLO

Meu velho Aloixo Costa

Longe de ti e dos nossos, ha tanto tempo mettido nestes pedregosos sertões, ameaçados por uma secca terrivel; ouvindo o mugido tristonho do gado e contemplando os esqueletos das arvores pendidas no deserto aido dos caminhos, vivo commungando forçosamente desta apathia que saberás avaliar.

Nunca mais, depois que dei-xei o borborinho da cidade, o convivio fraternal dos nossos collegas, tenho visto no *Album* a tua apreciavel secçãosinha que com tanta verve escrevias.

Como vae o Cyro por ahi, o patriótico defensor das nobres causas? O Americo? o Joaquim Cavalcanti? o J. Galvão e o resto da troça?...

Diz-me, meu caro, o que ha de novo por ahi.

Verdade é que apesar das saudades que tenho tido dos nossos, aliviei um pouco o espirito e os nervos, depois que empreendi este passeio; porque, meu caro repugnava-me todas as vezes que presenciava um certo *typo* criticar os escriptos dos moços que trabalham para aliviar o nivel intellectual do nosso meio; um *typo* sem co-tacção no mercado do *fair sex* na-

talense arvorado em *lan ty* la esquina, que (justiça lhe seja feita) nem pára isto dava, avalia que critica... Acabo agora de ver o retrato do Gremio que está resumido a nove socios e contemplando o admiro o esforço herculeo daquelle pequeno grupo de moços que corajosamente pugnam pelo interesse intellectual do Rio G. do Norte

Brevemente ahi estarei, para a teu lado reencetar a minha paulificante secção que tão desenchabidamente escrevia e que resumia se a relatar as leituras do *Album* o occorrido de *quinzena em quinzena*.

Adous. Do teu—

*Stellita Barroso*



## LEÃO XIII

O grande personagem que a morte veio colher na manhã de 20 do corrente, e cujo nome serve de epigrapho a estas linhas, foi um dos maiores vultos do seculo XIX.

Joaquim Pecci cognominado Leão XIII não se vulgarizou perante o mundo civilisado, somente pela alta posição que occupava como chefe Supremo da Igreja Catholica. O mundo todo reconheceu o como um dos mais esclarecidos espiritos, como uma das maiores mentalidades contemporaneas.

No largo percurso de cinco lustros Leão XIII dirigiu os destinos de sua Igreja com admiravel tino e inexcedivel zelo, e seus meritos não circumscreveram-se apenas dentro dos domínios do catholicismo, foram alem; sua intervenção foi muitas vezes solicitada pelas grandes potencias para resolver complicados problemas na politica internacional—

A extrema falta de espaço não nos permittiu dizer mais do que isto sobre o grande vulto que acaba de desaparecer do scenario que tanto illustrou por suas luzes e seus conhecimentos.

## Academicos

Seguiram, afim de contiuar os seus estudos de Direito, para o Recife do dia 14 deste, os intelligentes jovens, Vicente de Lemos Filho e João Gualberto Tinoco. Feliz viagem e proximo regresso lhes desejamos.



## Novos Socios Honorarios

Acabam de entrar para o mappa de socios honorarios do nosso Gremio, os illustres Snrs. Drs. Jeronymo Camara e José Correia de A. Furtado, Professor João Tiburcio, e os Rvms. Padres Maysés Coelho e José de Calazans Pinheiro. Saudamos lhes affectuosamente.



## SUR LA TABLE

Temos recebido com regular pontualidade as visitas dos seguintes collegas:

A *Gazetinha*, *Intransigente* e o *Astro*, do Ceará. A *Renascença* e *Os Novos*, de Maranhão, A *Imprensa*, de Parahyba e o *Arauto* de Mamanguape no no mesmo Estado, A *Revista Pernambucana*, do Recife, *Jornal Baptista*, da Capital Federal, *Nova Revista*, *Revista Typographica*, e *Ad Lucem*, da Bahia *O Povo*, de Elicas (Minas Geraes). *O Escriptorio*, do Rio Grande do Sul: As quaes agradecidos retribuiremos.

## OLIXA

No longo penar da vida,  
Onde vivemos immersos,  
Tu es, ó mulher querida,  
Os idees de meus versos.

JACY.

## Vamos!

Ao Adalberto Amorim

Vamos querida, eu e tu, sosinhos,  
Como um casal de cysnos venturosos,  
Quando ouvirmos, somente, passarinhos,  
Longe do mundo e longe de invejosos...

Poderemos, então, construir ninhos,  
Ninhos de luz, de amores, perfumosos,  
E assim querida, sob ceus d'arminhos,  
Nós viveremos de supremos gosos.

O sol de lá, será do mais fulgores,  
A vida nos será de mil carinhos,  
As estrellas terão mais esplendores;

Longe do mundo e longe de invejosos,  
Sim, viverão eu e tu, sosinhos,  
Como um casal de cysnos venturosos!

Açú-Malo-1903.

CONSTANCIO DEBULDE



## A PARTIDA

Como é triste o momento da partida,  
Quando se deixa um coração querido,  
E vai-se com o espirito dolorido  
Pelo golpe cruel da despedida.

E' bem triste. Mas eis que um dia vem  
A dôr recuperar desta partida;  
Ven transportar-nos à mamão querida  
Onde está nosso amor, o nosso bem.

E então, findou-se a era dor de outrora,  
Transbordando o nosso peito de alegria,  
O nosso espirito alegre, já não chora,

Tudo é prazer, felicidade e amor,  
Para sempre esqueçamos esse dia  
De tristeza, infortúnio e dazabor.

Natal, -- 1-Julho-1903.

MAGRINO DA CAMARA



## INSUCCESSO DE UMA AVENTURA

(CONTINUAÇÃO— 3)

Pouco tempo depois o Dr. retirava-se, e Orlando com Aurelio retomavam seus logares proseguindo na conversa. Orlando; porém, repetidas vezes volvia um ligeiro olhar para um ponto determinado que lhe ficava á esquerda.

Ao terminar o acto, ouvia-se o seguinte dialogo entre os dois: —Prestas-te attenção, Aurelio, dizia Orlando, a uma joven que nos ficava á esquerda, que traxava preto como a mór parte das que aqui se achavam, porém, que podia-se distinguir das demais pela excessiva simplicidade de seu vestuario?

—Sim, e não deixei de notar que alguma cousa te interessa-

va para seu lado.

—E' verdade. Disperitou-me a attenção aquella natural singeleza; admirei naquella joven, na flor da juventude, a completa ausencia dos falsos ornatos, da phantasia, e da vaidade, qualidades inherentes á mulher na sua idade.

Não posso illudir-me; se naquella todo de singeleza e naturalidade não se encerraram grandes bellezas physicas, contém muito mais do que isto— a maior das bellezas— a belleza moral, a virtude— tudo quanto apreço e é necessario á mulher...

—Não te enganas. Tenho ouvido a seu respeito as mais lisongeiras referencias: moça sensata, intelligente, religiosa (pois é uma qualidade que muito recommenda a mulher) e d'uma educação domestica invejavel.

—Sim, acredito que n'aquelle

symbolo da simplicidade se occulte um'alma de alabastro, um exemplo de virtudes, tudo quanto é bom e bello... Senti-me dominado por uma paixão sobrenatural da qual não sei dar explicação, e attrahido como o átomo que errava no espaço immenso sem norte, que, approximando-se de uma poderosa massa, foi por esta attrahido em virtude da lei da gravitação que rege os corpos e desde então fez parte de seu organismo sem mais poder-se desligar. Isto deu-se desde que, casualmente encontrou-se o meu com o seu olhar... Não me prendem á ella bellezas physicas nem tão pouco fascina-me o brilho das joias, como sempre acontece em casos identicos, aos que têm por ponto de mira o interesse.

PERRÓ PYREHONICO